

Corpos

Os objetos e instalações realizados por Elaine Tedesco transitam na borda de um círculo limitado entre imagem-corpo-imagem. Em seus trabalhos mais recentes, os objetos (corpos) constroem-se no meio desta contradição, apresentando-se como imagens, visões rápidas, deslocadas do tempo presente. Passagem que a artista realizou, migrando do desenho para a construção no espaço, tendo operado nas duas situações – espaço bidimensional/espaço natural – é um movimento esclarecedor de seu pensamento. Apontar este movimento de circundar a borda, tomada aqui literalmente como a extremidade de uma superfície, ou ainda, a última conseqüência da imagem, é o interesse deste texto.

A preponderância da imagem em Sala da Insônia é a garantia de sobrevivência do sentido nos objetos expostos ali. O corpo, por si só, não é percebido pelo filtro da articulação mental, mas sim através do impacto sensorial do espaço ocupado pelo outro, pela “opacidade invencível que caracteriza a coisa”¹. A imagem, por sua vez, fala para as associações da lembrança e junta-se às outras imagens da memória individual. Sem a

imagem e os desdobramentos das referências que ela cria, o corpo percebido como coisa resultaria em estado de brutalidade, de não reconhecimento e exclusão do humano, a exteriorização insuportável (...). A passagem do estado de imagem para a condição de coisa será neste conjunto uma ameaça não cumprida, tensa, contida na borda. Sala da Insônia configura-se, então, como um ambiente tomado por estes corpos tratados como imagens.

A construção destes corpos faz-se com rigor e sobriedade pertinentes aos assuntos que transitam próximos à borda. São corpos econômicos – a geometria os contém através do artifício mental, detendo a opacidade. A certa altura, fazem alusão a objetos conhecidos (colchão), ao atributo físico do peso, alusão ao corpo morto, passado. A identificação destes corpos, que em sua maioria não trazem título, se dá no conjunto e não individualmente. É necessário estar presente no ambiente Sala da Insônia para que estes corpos se revelem, um a um. O tratamento dado a estes corpos é implacável; eles não solicitam um nome, pois não carregam uma identidade, são somente corpos, não indivíduos. O único corpo deste conjunto que traz título, Salva-vidas é sustentado por uma balança que informa ao usuário de um colchão o valor numérico de sua massa. Quando um objeto é abordado por essa concretude, é sinal que o nome já o abandonou, sua identidade passada é aqui inócua. Como se dá com os corpos, cabe-lhes apenas uma identificação, mais que um

título: em outra esfera seria ainda um número,
não um nome.

1. GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. In: Objeto na arte Brasil anos '60. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 1978,p.47.

Maria Helena Bernardes

1997

Maria Helena Bernardes, artista plástica.
Junto com André Severo, coordena o Projeto Areal.